

A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: ESTRATÉGIAS E AÇÕES PARA EDUCADORES

CHILDREN WITH ATTENTION DEFICIT HYPERACTIVITY DISORDER: STRATEGIES AND ACTIONS FOR EDUCATORS

EL NIÑO CON TRASTORNO DEL DÉFICIT DE ATENCIÓN E HIPERACTIVIDAD: ESTRATEGIAS Y ACCIONES PARA EDUCADORES

Alex Garcia Cunha*
alexgarciacunha@gmail.com

Halley Santos**
halleysantos@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: CUNHA, A. G.; SANTOS, H. A criança com

transtorno do déficit de atenção e hiperatividade: estratégias e ações para educadores.

Revista Pedagógica, Chapecó, v. 19, n. 40, p. 242-261, jan./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v19i40.3752>

RESUMO: Este trabalho focaliza o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), abordando sua origem, seus sintomas, seu diagnóstico e tratamento. Foi realizado um levantamento bibliográfico visando a mapear estratégias e ações recomendadas para os educadores utilizarem com crianças portadoras de TDAH. Destacaram-se a adequação do ambiente de ensino às necessidades da criança bem como o uso de estratégias comportamentalistas, de arte e de atividades lúdicas. Tomando-se a figura do educador como provedor de saúde, destaca-se a importância deste profissional conhecer e utilizar estratégias e ações adequadas ao lidar com crianças portadoras de TDAH, a fim de realizar um trabalho mais exitoso na escola, colaborando para uma melhor aprendizagem e saúde das crianças.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. TDAH. Educadores. Estratégias. Ensino.

ABSTRACT: This paper focuses on Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), addressing its origin, symptoms, diagnosis and treatment. A bibliographic review of the literature was carried out in order to compile strategies and actions for educators to use with children with ADHD. The adequacy of the teaching environment to the child's needs and the use of art, ludic activities and behavioral strategies were highlighted. Taking the role of the educator as a health provider, it is important that this

professional knowse uses the strategies and actions to deal with children with ADHD, so that he or shemay deliver a more successful instruction at school, collaborating for better learning and health of the children.

Keywords: Attention Deficit Dyperactivity Disorder. ADHD. Educators. Strategies. Teaching.

RESUMEN: Este trabajo enfoca el Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad (TDAH), abordando su origen, sus síntomas, su diagnóstico y tratamiento. Fue realizado un levantamiento bibliográfico con el reto de mapear estrategias y acciones recomendadas para que los educadores utilicen con niños portadores del TDAH. La adecuación del ambiente de enseñanza a las necesidades del niño, bien como el uso de estrategias comportamentales del arte y de actividades lúdicas, fueron destacadas. Teniendo en cuenta la figura del educador como proveedor de salud, se destaca la importancia de este profesional conocer y utilizar estrategias y acciones adecuadas al lidiar con niños portadores del TDAH, con el fin de realizar un trabajo más exitoso en la escuela, colaborando para un mejor aprendizaje y salud de los niños.

Palabras clave: Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad. TDAH. Educadores. Estrategias. Enseñanza.

* Doutor em Linguística Aplicada – UFMG. Professor Adjunto do Departamento de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas - FPM

** Aluno de Graduação do Curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é o principal transtorno encontrado na infância (MUSZKAT; MIRANDA; RIZZUTTI, 2012), acometendo de 3% a 6% das crianças em idade escolar (COSTA; MOREIRA; SEABRA JUNIOR, 2015; ANDRADE; PETINATTI; MORETI, 2011). Seus principais sintomas são dificuldade de foco e atenção, impulsividade e alto nível de atividade motora, o que acarreta dificuldade de aprendizagem. Outras comorbidades podem estar presentes, como: transtorno desafiador opositivo, transtorno de conduta, transtorno do humor e ansiedade, tabagismo e abuso de substâncias ilícitas ou álcool etc. (MUSZKAT; MIRANDA; RIZZUTTI, 2012; MATTOS, 2005).

Crianças com TDAH têm dificuldades em prestar atenção em detalhes, o que as leva ao erro, e não conseguem manter sua atenção nas aulas por um período longo. Em consequência disso, na adolescência há um alto índice de abandono escolar (MUSZKAT; MIRANDA; RIZZUTTI, 2012). Sendo assim, “[...] parece inegável [...] que a contribuição do professor pode ser significativa [...] no manejo das dificuldades apresentadas pela criança [com TDAH] na sala de aula” (MUSZKAT; MIRANDA; RIZZUTTI, 2012, p. 111).

Por outro lado, a falta de conhecimento desse transtorno por parte do professor pode lhe acarretar enormes dificuldades em lidar com a aprendizagem e o comportamento dessas crianças em sala de aula. Nesse sentido, Correia e Linhares (2014) observam que a maioria dos profissionais da educação tem conhecimentos errados sobre esse transtorno; porém, até quando possuem conhecimentos corretos, não conseguem dar a devida atenção a essas crianças por falta de suporte apropriado ou de condições materiais. Dessa forma, o sucesso acadêmico das crianças com TDAH está ligado às informações que os educadores e a família têm sobre o tema.

Para que a aprendizagem dessas crianças seja produtiva, os educadores precisam ser instruídos a lançar mão de estratégias e ações adequadas ao lidarem com esses alunos. De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016a, [s. p.]), “[...] o professor pode ser um grande aliado no tratamento. Quando ele tem conhecimentos sobre TDAH, torna-se capaz de adotar estratégias de ensino capazes de favorecer o aprendizado dos alunos com TDAH”.

Assim, partindo-se do pressuposto de que o educador, além de ocupar um papel central no processo educativo da criança, desempenha um papel importante como provedor de saúde. Por considerar que, na escola, a criança terá possibilidade de se autoconhecer, socializar e aprender a viver de maneira saudável, este trabalho tem como objetivo apresentar, a partir de uma revisão bibliográfica crítica sobre o tema, estratégias e ações eficazes para profissionais da educação, a fim de que a relação do aluno com TDAH, o

professor e a escola seja bem-sucedida, tendo como resultado final a melhoria na aprendizagem e na qualidade de vida do aluno com TDAH, assim como um trabalho mais exitoso para o professor.

2. TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

O TDAH é uma síndrome neurológica e sua característica principal é a presença de um trio de sintomas formado por: alteração da atenção, impulsividade e hiperatividade física e mental (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014). Não se trata de um transtorno recentemente descoberto. De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016a), o TDAH foi diagnosticado pela primeira vez em 1902, pelo pediatra inglês George Still, que relatou vários casos em crianças por ele clinicadas, as quais apresentavam sintomas de hiperatividade e outras alterações de comportamento. Não encontrando explicações educacionais ou ambientais, Still concluiu que os sintomas deveriam ser causados por algum transtorno mental. Ainda de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016a), o TDAH já foi conhecido por diversos nomes: síndrome da criança hiperativa, lesão cerebral mínima, disfunção cerebral mínima, transtorno hipercinético, transtorno primário da atenção. Tais nomes foram sendo modificados a partir do momento em que se conhecia mais sobre as origens, as causas e os sintomas do transtorno.

A alteração da atenção se caracteriza pela grande dificuldade da criança em se manter concentrada em uma tarefa: ela parece não escutar quando lhe é dirigida a palavra e não consegue ter uma organização de seus pertences, constantemente os perdendo (SAUVÉ, 2014). Isso afeta diretamente sua vida escolar, pois será um aluno que, na maioria das vezes, aparenta estar desinteressado em aprender, não conseguindo acompanhar o restante da classe na realização das atividades, entregando-as atrasadas e muitas vezes incompletas. De acordo com Silva (2009) e a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016a), a alteração da atenção é o principal fator para se fazer um diagnóstico de TDAH, pois a criança com essa síndrome poderá ou não ser hiperativa, mas nunca deixará de ser desatenta. Silva (2009) prefere o uso do termo “instabilidade de atenção” em vez de déficit de atenção, pois crianças com TDAH podem tanto apresentar as características apresentadas anteriormente, como também ter uma hiperconcentração para temas ou atividades específicas que lhe chamem a atenção ou despertem uma paixão impulsiva.

Ainda de acordo com Silva (2009), a impulsividade se caracteriza pela falta de discernimento ou de capacidade de reflexão, pela dificuldade de relacionar a atitude tomada com sua consequência e pela impaciência, características que também podem estar presentes em crianças com TDAH. Essa impulsividade pode ser verbal, motora e social (SAUVÉ, 2014). Nas palavras do autor:

1 Em seu livro, “Mentes Inquietas”, a autora preferiu usar o termo TDA(s), pois, segundo ela, o transtorno se revela de diversas formas e esse termo simplificaria e facilitaria a leitura do livro.

Crianças costumam dizer o que lhes vem à cabeça, envolver-se em brincadeiras perigosas, brincar de brigar com reações exageradas, e tudo isso pode render-lhes rótulos desagradáveis como “mal-educada”, “má”, “grosseira”, “agressiva”, “estraga-prazeres”, “egoísta”, “irresponsável”, “autodestrutiva” etc. Nas crianças TDAs¹ esses comportamentos são, além de mais intensos, mais frequentes. (SILVA, 2009, p. 24).

Por fim, a hiperatividade física e mental é facilmente identificável, pois as crianças com TDAH se mostram em constante atividade motora, não ficam paradas por muito tempo nas salas de aula: constantemente saem de seus lugares, são agitadas, mexem constantemente os braços, pernas e a boca e, em ambientes fechados, querem pegar tudo que veem; ademais, preferem correr a andar, e, até mesmo dormindo, elas se debatem (SILVA, 2009).

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (2014), o TDAH pode ser subdividido em três formas distintas: a) o tipo basicamente desatento; b) o tipo impulsivo e hiperativo; c) o tipo combinado, que apresenta essas três características.

No tocante ao diagnóstico, este é basicamente clínico. O profissional da saúde tem o auxílio de um questionário, que, por meio de perguntas direcionadas, tenta identificar a presença da desatenção, hiperatividade e impulsividade (SILVA, 2009; SAUVÉ, 2014; MUSZKAT, MIRANDA, RIZZUTTI, 2012; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO, 2016a; COSTA; MOREIRA; SEABRA JUNIOR, 2015). Atualmente, os profissionais da saúde utilizam o questionário apresentado no DSM-V, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria. O questionário é dividido em duas partes. A primeira contém perguntas cujo foco é identificar a presença da desatenção. A segunda possui perguntas para verificar a presença da hiperatividade e da impulsividade. O diagnóstico é positivo para o TDAH quando seis ou mais perguntas de uma das partes, ou ambas, são respondidas com “sim”. Caso isso ocorra, a quantidade de perguntas respondidas positivamente também serve para mostrar em qual dos três subtipos do transtorno a criança mais se encaixa.

Porém, além de responder ao questionário, alguns critérios devem ser observados para que o diagnóstico seja feito corretamente: a) os sintomas devem estar presentes há mais de seis meses na vida da criança e terem aparecido antes dos 12 anos de idade; b) os sintomas devem estar presentes em dois ou mais ambientes em que a criança frequenta; c) ter evidências que esses sintomas reduzam a qualidade de vida da criança, além de interferirem em sua socialização e escolarização; d) os sintomas não podem ser frutos de outro transtorno mental que esteja em curso ou resultado de intoxicação ou abstinência de substâncias.

É comum deparar-se com crianças que possuam uma ou até várias das características apresentadas e serem

confundidas como crianças que têm TDAH. No entanto, devemos salientar que, para uma criança ser diagnosticada com esse transtorno, ela deve ter um diagnóstico específico dado por um profissional especializado (neuropediatra, psiquiatra etc.) e não simplesmente ser apontada como portadora do transtorno. A partir desse diagnóstico, a criança passará por um tratamento e acompanhamento multiprofissional que lhe trará uma melhor qualidade de vida. Enfatizamos, aqui, que não é papel do educador fazer o diagnóstico do transtorno. O que propomos é que o docente representa, sim, um grande papel como provedor de saúde na vida da criança, conforme se discute a seguir.

3. O EDUCADOR COMO PROVEDOR DE SAÚDE

De acordo como a Organização Mundial da Saúde (2016), o termo saúde é definido como: “Um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de uma doença ou enfermidade”. Tendo isso em mente, precisamos incluir o educador como um agente promotor de saúde, pois é com ele que a criança vai passar boa parte de sua infância e adolescência, exercendo um grande poder de potencializar ou inibir as capacidades mentais e sociais de seus alunos. Nessa direção, Costa, Moreira e Seabra Junior(2015)citam Silva e Navarro (2012), mencionando que o educador deve não somente se preocupar com o conhecimento passado à criança mas também considerá-la como sujeito ativo e interativo no processo educacional. Por isso, para que a criança se sinta segura e incluída nesse processo, existe a necessidade de o educador estar atento e ajudar na criação de vínculos aluno-professor e aluno-aluno. O educador deve manter as crianças motivadas e, com seu próprio exemplo, proporcionar um ambiente organizado.

Assim, é muito importante que o educador seja capacitado para lidar com crianças com TDAH, pois está diretamente ligado à qualidade de vida delas e o seu desconhecimento do assunto pode interferir na relação de aprendizagem e criar um ambiente em sala de aula difícil de controlar, onde todos sairão prejudicados. Andrade, Petinatti e Moreti (2011) observam que os maiores desafios das escolas hoje não estão relacionados aos alunos com TDAH, mas sim aos professores, profissionais que, muitas vezes por não terem orientações e domínio sobre o assunto, não estão preparados para solucionar as demandas relacionadas à inclusão e à adaptação acadêmica do aluno com TDAH. Santos e Vasconcelos (2011, p. 720) completam:

Essas crianças são fonte de medo e insegurança por parte dos educadores, por não terem uma ampla visão de desenvolvimento ou de estratégias pedagógicas que favorecem a aprendizagem daqueles que se mostram diferentes ou que desafiam uma rotina escolar.

Para lidar com a criança com TDAH, o educador deve ter conhecimento de estratégias, tanto teóricas como práticas, e implantá-las em seu ambiente de trabalho. Com essas estratégias, ele poderá proporcionar às crianças com TDAH a chance de conseguirem assimilar com mais eficácia o conteúdo dado e impedirá que elas, de alguma forma, prejudiquem o aprendizado do restante da classe.

Isso posto, apresentamos, na seção a seguir, estratégias e ações que podem ser utilizadas pelos profissionais da educação para lidarem com crianças com TDAH. Nesse tocante, quando falamos em estratégias, devemos pensar globalmente, ou seja, em tudo que possa proporcionar um melhor aprendizado para a criança com TDAH. Nesse sentido, devemos considerar, entre outras coisas, os conhecimentos necessários aos educadores ao lidarem com tais crianças, os recursos pedagógicos adaptados para esse transtorno, o envolvimento do educador e da família, o ambiente de ensino adequado às necessidades da criança, as técnicas de ensino alternativo e o controle dos comportamentos inadequados à aprendizagem.

O estudo de Page et al. (2016) revela que, independentemente do tipo de tratamento realizado com a criança com TDAH, os que incluem a modificação comportamental são os que mais contribuem em termos de resposta, considerando-se custo/eficácia. Nessa direção, apresentamos, a seguir, estratégias e ações compiladas da literatura passíveis de uso pelos profissionais da educação com crianças com TDAH na escola.

4. ESTRATÉGIAS PARA OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

4.1 Estratégias iniciais

Antes de o educador implantar estratégias pedagógicas e modificar seu ambiente de ensino, é necessário que a criança com TDAH já tenha sido diagnosticada e já esteja em tratamento, independentemente do tipo escolhido pelos pais; afinal, se a criança não estiver em tratamento, há considerável chance de fracasso na implantação de qualquer estratégia que vise à melhoria do aprendizado.

Então, o educador deve a todo o momento trabalhar para que a criança possa não somente processar com mais facilidade as informações recebidas bem como maximizar sua aprendizagem. Nessa direção, a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016b) elenca algumas estratégias que podem ser utilizadas pelos educadores:

- a) pedir para o aluno repetir os procedimentos dados pelo educador antes de iniciar um trabalho;
- b) logo após a criança conseguir se sair bem em algum trabalho solicitado, dar um retorno positivo, que pode ser com pequenos elogios e recompensas, como estrelinhas no caderno, expressões de apoio etc.;

- c) não criticar e não apontar desacertos;
- d) sempre que possível, oferecer trabalhos diferenciados à criança com TDAH, respeitando sua personalidade e concedendo a ela a possibilidade de escolher de qual tarefa participar;
- e) utilizar ao máximo de materiais audiovisuais e eletrônicos, além de outros recursos pedagógicos como periódicos, livros etc. Quanto maior a diversidade desses materiais, maior poderá ser o interesse da criança nas aulas e mais tempo ela conseguirá manter sua atenção nas tarefas;
- f) fazer uso da metodologia conhecida como “aprendizagem ativa”, que usa tarefas em duplas, trabalhos e respostas orais. O educador também poderá conceder a oportunidade de os alunos gravarem as aulas ou trazerem tarefas de casa também gravados.
- g) permitir a criança digitar e imprimir suas tarefas, caso revele mais interesse nesse sentido;
- h) efetuar modificações na estrutura da sala de aula para evitar a distração das crianças com TDAH. É aconselhado que as crianças sentem-se bem na frente da turma, de preferência ao lado do educador, para evitar que distrações externas tirem sua atenção;
- i) acordar antecipadamente com a criança pequenos sinais visuais e orais que sejam únicos aos dois e despertem a criança em um momento de desatenção. Por exemplo, o educador pode pôr a mão no ombro da criança sempre que notar que ela perdeu o foco da atividade;
- j) utilizar de técnicas e/ou instrumentos que contrabalanceiem as dificuldades de memória, tais como gráficos com datas de entrega dos trabalhos, uso de *post-it* para fazer notas extras do material dado;
- k) usar marca-texto ou grifos para destacar as partes mais importantes de um trabalho, texto ou prova;
- l) estabelecer um intervalo mínimo entre a realização de tarefas, para que a criança tenha tempo de se organizar.

Nessa mesma linha de pensamento, Iamaguti (2011) sugere que as crianças com TDAH recebam acompanhamento de um monitor durante a realização de tarefas, ou seja, a ajuda de outro aluno que tenha facilidade na tarefa, o professor ou outros professores, visando a manter o foco da criança na atividade. Goldstein (2006), por sua vez, sugere que o educador organize a sala de modo estruturado, com rotinas preestabelecidas; proporcione um ambiente acolhedor; privilegie turmas pequenas e trabalhos em grupos pequenos; esteja em constante contato com os pais ou cuidadores; dê tarefas pequenas; e faça avaliações constantes, dando sugestões concretas para a melhoria do comportamento do aluno com TDAH.

Juntamente com a implantação dessas estratégias, o educador deve estar atento ao comportamento da criança com TDAH, uma vez que, além de prejudicar o próprio

aprendizado, comportamentos inadequados da criança podem também atrapalhar o rendimento da turma. A seguir, tratamos de estratégias comportamentalistas que podem ser utilizadas pelos educadores no trabalho com crianças com TDAH.

4.2 Estratégias comportamentalistas

Segundo Almeida (2014), algumas estratégias comportamentalistas devem ser implantadas em sala de aula para que o comportamento da criança com TDAH se aproxime do desejável. O uso dessas estratégias deve reforçar o comportamento desejado a fim de aumentar a sua frequência de ocorrência e punir² o comportamento indesejado, para que este diminua. O autor ainda observa que a falta de entendimento desse transtorno faz com que crianças com TDAH sejam castigadas excessivamente e muitas vezes expulsas de sala de aula, aumentando a evasão escolar por parte delas (ALMEIDA, 2014). Por isso, é importante o educador estabelecer uma relação de confiança com a criança e conhecer suas necessidades e preferências, para que ambos trabalhem juntos a fim de alcançar objetivos. É necessário que as punições sejam leves, diretas e realizadas no momento da ocorrência do comportamento inadequado, para que a criança tenha consciência do motivo de sua punição.

Em pesquisa realizada com 250 docentes, Cruz e Brito (2016) identificaram as estratégias comportamentalistas mais utilizadas pelos docentes em relação a crianças com TDAH: Contrato de Contingências, Custo da Resposta, Programa de Economia de Fichas e o *Time-out*. Os autores concluíram que, à exceção do *Time-out*, todas essas estratégias são eficazes na maioria das situações. O Contrato de Contingências foi o mais eficaz (70,0%), seguido do Custo da Resposta (55,2%) e o Programa de Economia de Fichas (49,20%). O *Time-out* teve eficácia em apenas 28,8% das situações.

Segundo Marafão (2012), o Contrato de Contingências é uma técnica de manejo comportamental que se baseia em uma negociação ou contrato escrito entre o professor e o aluno; assim, nesse contrato são explicitados os objetivos escolares e do comportamento em sala de aula que o professor espera do aluno. À medida que a criança cumpre os objetivos preestabelecido, lhe são conferidos prêmios, recompensas ou reforços positivos. O autor destaca ser importante, enquanto esse contrato estiver em andamento, que o professor identifique novos prêmios ou recompensas que deverão ser incluídos para evitar que o aluno perca o interesse nos prêmios que estão sendo oferecidos. O contrato de contingências deve ser utilizado por um tempo limitado e sempre precisam ser revistos os seus objetivos e as suas propostas, para que não se perca o foco proposto inicialmente (MARAFÃO, 2012).

2 Com base em uma definição Behaviorista, a qual considera que punição é uma consequência ruim colocada frente ao comportamento inadequado que visa à diminuição da probabilidade de esse comportamento inadequado ocorrer no futuro (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Por sua vez, no Programa de Economia de Fichas o educador utiliza fichas que simbolicamente representam pontos, dinheiro ou outros materiais. Nesse sentido, o primeiro passo é o educador escolher o material que utilizará como fichas. Quanto menor a criança, mais chamativa deve ser a ficha, pois crianças com menos de nove anos se interessam muito pela aparência da ficha escolhida e, em contraste, as crianças mais velhas preferem que tais fichas representem pontos, pois essas crianças não se preocupam com a aparência e sim com o que representa ganhar as fichas. É estipulado o valor de cada ficha e também dos comportamentos-alvo almejados. Cada comportamento-alvo alcançado deve ser trocado por uma ficha de valor correspondente a ele e, quando o aluno obtiver fichas suficientes, irá trocá-las por privilégios ou reforços que foram preestabelecidos juntamente com o educador. Para que esse programa seja eficaz, ele deve ser continuamente avaliado e, se necessário, modificado, em sua estrutura ou nos reforços estabelecidos (MARAFÃO, 2012).

O Custo da Resposta é uma estratégia comportamentalista que tem como objetivo diminuir comportamentos indesejáveis. Por meio dela, o educador penaliza a criança com a perda de privilégios ou prêmios quando os comportamentos inadequados se apresentam (BRITO, 2014). A autora ainda completa que se deve ter cuidado ao utilizar o Custo da Resposta. Como ele visa à punição, deve ser utilizado com muita cautela para que a criança não perca todos os seus privilégios e, devido a isso, sintam-se desmotivada.

O Programa de Economia de Fichas aliado ao Custo da Resposta tem sido bastante usado pelos profissionais da educação e, em conjunto, eles são muito eficazes no controle do comportamento de crianças com TDAH (MARAFÃO, 2012; BRITO, 2014). Os dois programas podem ser usados utilizando-se as mesmas fichas; de um lado premiam-se os comportamentos almejados com fichas e, de outro, punem-se os comportamentos disruptivos com a retirada de fichas já ganhadas. Todos os comportamentos que irão ser premiados ou punidos deverão ser previamente combinados entre o educador e a criança.

Já o *time-out* caracteriza-se por um período de advertência onde é retirado da criança todo o reforço social, isolando-a. O *time-out* pode ser de dois tipos. No primeiro, chamado de *time-out* por não exclusão, a criança permanece no ambiente em que estão todos os seus colegas, porém sem receber atenção, reforço positivo e participação nas atividades grupais; ela apenas observa o restante da classe. No segundo, chamado de *time-out* por exclusão, a criança fica isolada em algum canto ou sai do ambiente de ensino por um tempo para poder pensar sobre seu comportamento (BRITO, 2014). Brito explica que o *time-out* deve ser utilizado de forma progressiva, começando com a retirada dos reforços, passando por reprimendas verbais e, por último, se o comportamento da criança não melhorar, pelo castigo.

Segundo Shaffer (2005), crianças com TDAH que estão em programas cognitivos comportamentais têm bons resultados em seu rendimento escolar quando são instruídas a atingir seus objetivos escolares com estratégias que requerem a manutenção da atenção, ao mesmo tempo em que seus comportamentos bem-sucedidos são reforçados. Iamaguti (2011) complementa que a atitude positiva tem sido a estratégia que mais gera mudanças no comportamento de um aluno com TDAH.

Nesse sentido, a autora sugere ao professor:

- Estabelecer consequências razoáveis e realistas para o não cumprimento de tarefas e das regras bem combinadas anteriormente.
- Aplicar algum tipo de restrição com consistência e bom senso.
- Quando o aluno começar a ficar agitado, frustrado ou atrapalhar o trabalho de classe, redirecioná-lo para outra atividade ou situação. [...]
- Ignorar as transgressões leves que não forem intencionais.
- Permitir que ele saia para dar uma volta ou tomar água.
- Combinar sinais discretos para chamar a atenção ou lembrar acordos. (IAMAGUTI, 2011, p. 83).

Aprofundando o tratamento da questão, a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016b) apresenta técnicas para a inibição e o controle de comportamentos indesejáveis por parte da criança com TDAH. Destacamos algumas delas:

- a) Manter uma postura proativa para com a criança, antecipando possíveis dificuldades de aprendizagem e antecipando soluções. Para isso, é preciso identificar, na sala de aula, situações que possam causar desatenção, a fim de manter a criança o mais distante delas possível;
- b) Reforçar a comunicação auditiva e visual para mostrar à criança transições ou mudanças de atividades.
- c) Oferecer reforço positivo com frequência, destacando os pontos positivos e os negativos de maneira clara, construtiva e respeitosa. Isso é importante, pois permite que a criança tenha “[...] percepção do seu próprio desempenho, potencial e capacidade e possa avançar motivado em busca da sua própria superação”.
- d) Permitir que a criança com TDAH movimente-se durante a aula, realizando atividades como apagar o quadro, buscar algum material ou mesmo ir ao banheiro ou tomar água. Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2016b, grifo do autor), “[...] este procedimento é extremamente útil para diminuir a atividade motora e, muitas vezes, é **absolutamente necessário** para crianças muito agitadas”.

Araújo et al. (2013) desenvolveram um trabalho para a melhoria do comportamento das crianças com TDAH em sala de aula. O trabalho voltou-se para profissionais da educação e baseou-se nas sugestões de Barkley e Murphy (2008). Nele, os autores apresentaram um guia com ações e suas respectivas estratégias de intervenção. De acordo com eles, “as ações do guia se basearam essencialmente no controle de estímulos antecedentes e no uso de reforçadores positivos para comportamentos adequados”; ademais, afirmam que a utilização de guias é viável e eficaz no controle da desatenção e hiperatividade, bem como na manutenção de comportamentos desejáveis (ARAÚJO *et al.*, 2013, p.?).

Por fim, Araújo *et al.* (2013, p. 398-399) elencam uma série de ações que podem ser utilizadas pelos profissionais da educação em relação aos alunos com TDAH. Os autores também apresentam sugestões de como tais ações podem ser operacionalizadas. Transcrevemos, a seguir, as ações e sua operacionalização conforme propostas pelos autores:

Quadro 1 – Ações utilizadas pelos profissionais da educação em relação aos alunos com TDAH

Ação	Operacionalização
1. Estabelecer regras com os alunos.	Ao estabelecer regras, certificar-se de que elas sejam aceitas coletivamente, pois elas devem ser utilizadas como estabelecedoras de limites e lembradas constantemente.
2. Comunicar o tempo no decorrer da aula.	Deixar claro o tempo que será disponibilizado e informar sistematicamente o seu decorrer.
3. Ressaltar informações importantes.	Colocar lembretes, dicas e sugestões em locais acessíveis à criança ou adolescente. Fazer lista de atividades diárias.
4. Sentar o aluno perto do professor.	Trazer o aluno para localizações mais próximas do professor dentro da sala de aula. Requisitar a atenção do aluno constantemente (trazer o aluno todo o tempo para atividade).
5. Desenvolver autonomia.	Oferecer instruções para o aluno organizar suas atividades de estudo em sala e em casa.
6. Fracionar a carga de trabalho total.	Fracionar os exercícios e as atividades com repetição de instruções entre eles. Solicitar atividades de modo direto, objetivo, dividindo as tarefas.
7. Utilizar atividades e textos com destaque.	Destacar as partes mais importantes de uma atividade, ou questão de prova, texto, para que o aluno possa direcionar a atenção para elas.
8. Diversificar o material utilizado.	Utilizar materiais diferentes, reciclados, papel colorido, revistas e jornais.
9. Mesclar atividades de baixa e alta atratividade.	Intercalar atividades que sejam potencialmente menos atrativas com as atividades mais atrativas visando a manter o nível de interesse do aluno.
10. Comunicar-se com os pais.	Estabelecer parcerias eficazes com a família, fornecendo informações a ela de seu trabalho buscando ações sinérgicas de comunicação constante.
11. Manter o bom humor e não se desgastar por pouco.	Concentrar seus esforços nas atividades ou tarefas importantes em longo prazo, como aprendizado escolar, relação com os outros alunos e professores, e não em tarefas menos importantes, como limpar ou catar/pegar algo.
12. Estimular o autocontrole e percepção.	Atribuir atividades ao aluno para as quais ele próprio possa ser responsável e que o auxiliem a perceber como foi o seu desempenho e as relações de dependência entre atividades diferentes.
13. Evidenciar aspectos positivos do comportamento do aluno.	Aumentar os elogios, aprovação e apreciação de modo mais curto quando algo for realizado adequadamente.
14. Usar o retorno imediato.	Agir rapidamente após um comportamento, propiciando imediato retorno. Não exagerar nas expressões verbais.
15. Aumentar frequência das consequências.	Proporcionar consequências com maior frequência para o comportamento do aluno.
16. Aproximar-se mais ao comunicar-se.	Dirigir-se até o aluno(a), tocá-lo na mão, no braço ou ombro, olhá-lo nos olhos, dizer brevemente o que quer comunicar e encorajar a criança a repetir o que acabou de dizer.

Fonte: Elaboração dos autores a partir de Araújo et al (2013).

Ainda nessa perspectiva, Cunha (2012) ressalta que elogiar é melhor que punir. Em suas palavras:

Sempre elogie o aluno quando ele conseguir se comportar bem ao realizar uma tarefa difícil. É melhor que puni-lo vezes seguidas sempre que ele saia dos “trilhos”. Nestes casos, estimule a criança a compensar os erros que ela cometeu. Se ele desorganizou uma estante, por exemplo, incentive-o a organizá-la. Isso terá um triplo efeito: mostrará à criança qual é o comportamento correto, vai fazê-la se sentir útil e, conseqüentemente, diminuir sua frustração com o erro. (CUNHA, 2012, p. 45).

O envolvimento dos pais e da família da criança com TDAH no processo educativo é outro ponto importante que deve ser considerado pelos profissionais da educação. A seção seguinte discute essa questão.

4.3 Parceria com a família

A criança com TDAH necessita do apoio e da ajuda de seus familiares. A participação da família no processo de educação deve ser completa e, nesse sentido, é necessário que haja uma troca de informações entre a família e o professor, e ambos devem estar abertos a sugestões (PEIFFNER, 2002). É imprescindível, pois, que os profissionais da educação mantenham relação próxima com a família e a oriente, a fim de se estabelecer uma parceria para uma aprendizagem satisfatória da criança na escola.

Nessa direção, Goldstein e Goldstein (2002) propõem que os pais determinem horário e local específicos para os estudos da criança. Para isso, deve-se decidir com qual dos dois a criança tem mais afinidade para poder orientá-la nas tarefas de casa, devendo começar com os exercícios e deveres mais fáceis e somente oferecer ajuda quando ela solicitar. Para os autores, os pais devem ser pacientes, persistentes e flexíveis às limitações que esse transtorno causa, não se esquecendo de sempre elogiar a criança não pela conclusão da tarefa, mas pelo seu esforço, para que ela se sinta motivada. Barkley (2002) acrescenta que quando os pais se depararem com atividades extensas, eles devem separá-las por etapas, a fim de que a criança complete um pouco a cada dia, dentro do prazo previsto para entrega da atividade.

Ampliando o tratamento da questão, Rohde e Beniczik (1999) recomendam que os pais mantenham um calendário de atividades escolares fixado em um local visível para a criança e que, antes do início de cada semana, revisemo que ela terá de realizar, dando ênfase a dias de provas e entregas de trabalhos. Além disso, pais precisam fixar um período de estudo de 30 a 60 minutos por dia, não podendo este se prolongar por muito tempo para que a criança não

perca o interesse ou fique desanimada. Os autores indicam que, quanto menor a criança, menor deve ser esse tempo. Pontuam que a presença de um adulto durante os estudos é fundamental, e recomendam que, sempre que a criança cumprir com os horários estabelecidos, seja feito um reforço positivo. Caso contrário, atritos devem ser evitados; bastando, para isso, cortar o reforço positivo e lembrá-la que mesmo que não tenha conseguido naquele dia, nada a impede de conseguir no próximo.

A ludicidade, a arte e o estímulo à leitura e à escrita são pontos que também devem ser trabalhados pelos profissionais da educação com crianças com TDAH.

4.4 Ludicidade e arte

De acordo com Costa, Moreira e Seabra Junior (2015), a literatura considera como benéficas as atividades lúdicas realizadas com crianças com TDAH, pois, por meio delas, a criança se instrui a pôr em prática sua curiosidade, aprende a ter iniciativa, melhora sua autoconfiança e desenvolve a fala, o pensamento e a concentração. Nesse mesmo viés, a arte, na esfera do lúdico, estimula áreas importantes como: “[...] motricidade, coordenação motora grossa e fina, comunicação, equilíbrio, audição, ritmo, atenção, lateralidade e integração social” (PIMENTA, 2014, p. 35). As atividades lúdicas também ajudam a criança a usar o raciocínio lógico, no lidar, ao obedecer a regras, na socialização, na construção de hipóteses, no desenvolvimento da personalidade ativa e da linguagem (VIANA, 2013). A mesma autora ainda complementa que há a necessidade de o educador ser ativo e reconhecer as necessidades e individualidades de cada criança, usando os recursos que ache apropriados para estimular a capacidade criativa e a interação da criança com o restante do grupo. Na perspectiva do lúdico, Cunha (2012) destaca que os jogos em grupo ajudam a criança a se ambientar e a ter um bom relacionamento com seus colegas e professores. Além disso, “[...] o jogo também pode aproximar a criança de conteúdos escolares [...] ao ser apresentado com níveis graduais de dificuldade” (TINTORI; BAST; PITTA, 2011, p. 229). Trata-se, pois, de uma abordagem eficaz para a educação e a aprendizagem da criança com TDAH, por atenuar os problemas relacionados com a falta de atenção, a inquietude, a irritabilidade e os comportamentos hiperativos.

Stroh (2010, p. 95) recomenda algumas atividades lúdicas e artísticas que podem ser desenvolvidas nas aulas pelos profissionais da educação:

- Jogo com regras: participando de jogos, a criança deverá submeter-se às regras e normas, por meio dos quais poderá desenvolver suas habilidades, seu raciocínio, sua autoimagem, tolerar frustrações, saber ganhar ou perder, saber esperar sua vez, planejar uma situação, aprender a ouvir etc.

- Brincadeiras de representação (psicodrama): por meio de diálogos e da troca de papéis, a criança pode desenvolver algumas habilidades, e o estado psicológico servirá como espelho, pois a criança poderá ver com mais clareza seu jeito de ser.
- Atividade corporal cenestésica: o relaxamento associado ao controle da respiração, a capacidade de ouvir silenciosamente uma música relaxante ou mesmo a sentir uma massagem corporal são medidas úteis para reduzir a tensão dos músculos do corpo e trazer a atenção da criança para si mesma. Fixando-se em si mesma, haverá maior centralização.
- Uso de sucata: o uso de sucata para as crianças com TDAH é muito bom, pois elas podem desenvolver sua criatividade, criar e formar novos materiais.

Podemos acrescentar outras atividades, por exemplo: fantoches, amarelinha, músicas, danças, jogos de adivinhação, atividades de representação artística que incitem a expressão corporal. Em seu livro “Linha e Rodinha”, Mafra (2008) descreve diversas atividades lúdicas voltadas para o desenvolvimento da atenção e da coordenação motora. Trata-se de uma leitura importante para os educadores que lidam com crianças que tenham dificuldades de atenção, pois são apresentadas mais de 200 atividades práticas, como, por exemplo: o jogo “Múltiplos de PIM”³, para o raciocínio; jogo da “Mensagem Secreta”⁴, para a coordenação motora; jogo “o ceguinho”⁵, para o desenvolvimento da audição e noções espaciais; e o jogo “A Frutaria”⁶, para a atenção auditiva.

Fagali (2009), citada por Stroh (2010), apresenta outras atividades que podem ser utilizadas:

- a) Trabalho com argila: pode ser usado como recurso para favorecer a concentração e o relaxamento, contribuindo, inclusive, para que as crianças se tornem mais conscientes de si mesmas.
- b) Jogos que focalizam figuras e seus detalhes: melhoram a percepção e a concentração na idealização de ações.
- c) Uso das mãos em atividades criativas de construção usando: madeira, pregos e martelo e variando com atividades sutis e delicadas usando: pincéis variados, giz de cera e tinta guache.
- d) Formação de mandalas, usando velas e copinhos plásticos.
- e) Trabalhar o corpo com atividades que mudam da tensão para o relaxamento, andar contando histórias do rápido para o lento e incorporar nessas atividades corporais o trabalho respiratório.
- f) Tocar instrumentos como tambores, alternando movimentos fortes e leves, rápidos e lentos ajuda na liberação de energia.
- g) Uso de jogos como “Cara a Cara”, para exercitar o reconhecimento de detalhes; jogo dos sete erros; jogos

3 O educador escolhe um determinado número. Os alunos deverão, um por um, falar um número em sequência crescente e os múltiplos do número escolhido deverão ser substituídos pela palavra “pim”.

4 O educador formula uma mensagem a ser descoberta pelos alunos e substitui todas as letras por símbolos, revelando apenas um dos símbolos. Os alunos deverão descobrir a “mensagem secreta”.

5 O educador coloca os alunos em uma grande roda e um desses alunos fica em pé no centro da roda com os olhos vendados. Um dos alunos que está na roda deve ficar balançando algum objeto que produz barulho e o aluno vendado deve se orientar pela audição e pegar esse objeto.

6 O educador escreve em pequenos papéis números que serão distribuídos entre os alunos e começa dizendo “fui à frutaria e comprei dez abacaxis”; o aluno que tiver o número dez deverá repetir a frase mudando número e a fruta, e assim sucessivamente.

de figura e fundo como “Onde está Wally”; jogos em geral que necessitem atenção e rapidez.

Cunha (2012) destaca que os jogos, em geral, têm regras preestabelecidas que são obrigatórias a todos os participantes, e como crianças com TDAH manifestam dificuldades em cumprir essas regras por terem dificuldade natural de aceitação de regras de convivência social, é possível que, por meio de jogos pedagógicos, ela entenda o porquê de seguir regras. A autora destaca, no entanto, que para isso acontecer é necessário que as crianças entendam e aceitem as regras impostas pelo educador e pelo grupo.

O jogo quando utilizado como método pedagógico, enriquece a aprendizagem e promove o desenvolvimento de muitas habilidades sociais, cognitivas e emocionais. Um jogo pode melhorar as aptidões da criatividade, do pensamento, da atenção, da imaginação, da interpretação e da motivação (LOPES, 2011). Em virtude da grande variedade de jogos e brincadeiras disponíveis, é preciso que os educadores façam pesquisas e se orientem sobre qual seria a mais indicada pedagogicamente para atingir suas metas de ensino. Segundo Cunha (2012, p. 13),

Cabe aos educadores a função de variar a metodologia usada, fazendo uma aula mais dinâmica, para que os educandos tenham sua atenção voltada, se entusiasmem com a aula e, como consequência, aprendam o conteúdo. Ao aplicar este tipo de metodologia, proporcionamos aos alunos uma motivação em poder brincar e, ao mesmo tempo, em querer aprender.

Por fim, Pimenta (2014) destaca que atividades com música melhoram as habilidades auditivas, que são necessárias para o desenvolvimento da linguagem e também para o aprendizado da escrita e leitura; o teatro melhora a socialização, a memória e a criatividade; a dança ajuda na atenção, no equilíbrio e no ritmo, sendo as atividades com a dança essenciais para uma melhoria na coordenação global da criança; e a pintura ajuda na atenção, reforça a autoestima e estimula a criatividade.

Em síntese, a escola deve propor atividades lúdicas desafiadoras para que o conhecimento possa ser construído, dando a chance de a criança com TDAH ser mais criativa, participativa e ativa, induzindo-a a manifestar atitudes de respeito recíproco, solidariedade e dignidade.

5. LEITURA E ESCRITA

De acordo com Fragoso et al. (2013), a falta de atenção altera de maneira considerável a percepção das palavras lidas, o que mostra a importância de intervenções em crianças com TDAH. Nesse sentido, os autores afirmam que uma estratégia eficaz para a aquisição da linguagem escrita é a utilização do método fônico. O método fônico

destaca o ensino do som de cada letra à criança, para, somente depois, ensiná-la a construir a junção de sons para a formação de palavras. Dessa forma, por meio de agregação entre som e letra, a criança é capaz de melhorar seu vocabulário e, conseqüentemente, suas habilidades de leitura e escrita.

Além disso, Nolêta e Navarro (2013) pontuam a necessidade de o educador ler com as crianças, instigando-as a prever a história de um livro, pedindo-lhes para que recontem uma história depois de tê-la lido e, ainda, incentivando-as a confeccionar seu próprio livro. As autoras complementam que dramatização, roda de conversa e dança são também estratégias produtivas. Nessa linha de pensamento, o educador deve buscar assuntos de interesse da criança e indicar revistas em quadrinhos, livros e revistas que lhe irão abrir os olhos para a leitura.

Iamaguti (2011) acrescenta a importância de o educador: a) pedir à criança com TDAH para ler oralmente uma história enquanto o restante da classe a ouve silenciosamente; b) demonstrar aos pais da criança a necessidade de se ter uma cópia dos livros em casa para que a leitura possa ser retomada fora da sala de aula; c) ajudar a criança com TDAH a ter um dicionário próprio contendo as palavras que ela tem dificuldade ou que constantemente esquece; d) e ajudar individualmente a criança na organização de seu trabalho escrito para que ele fique bem apresentável.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TDAH é um problema sério e de grande complexidade, que deve ser tratado na infância; por isso, os educadores devem estar preparados para lidar com crianças portadoras desse transtorno. Este trabalho teve como objetivo conhecer um pouco do TDAH e nortear os educadores em seu trabalho com essas crianças.

Destacamos que os ambientes de ensino, principalmente as escolas, são o local onde as crianças passam a maior parte de seu tempo e, por isso, ações e estratégias devem ser implantadas nesses locais visando ao esclarecimento dos profissionais da educação acerca do TDAH. Elencamos neste trabalho uma gama delas que poderá ser de utilização prática no cotidiano dos educadores. Com a adoção das ações e estratégias apresentadas neste estudo, possivelmente o processo de ensino/aprendizagem tornar-se-á mais exitoso, seja para a criança com TDAH, seja para o educador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio Manuel Rebelo. **A utilização de estratégias de condicionamento operante em alunos com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)**. 2014. 90 f. Dissertação

(Mestrado em Psicologia)– Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10348/4784>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

ANDRADE, Fernanda Rodrigues de; PETINATTI, Jéssica Gouveia; MORETI, Vivian de Cássia. A hiperatividade na educação infantil na visão dos Professores. In: ENCONTRO CIENTÍFICO E SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO UNISALESIANO, 3., 2011, Lins. **Anais Eletrônicos...** Lins: Unisalesiano, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/l1NyN2>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

ARAÚJO, Marcos Vinícius; CARVALHO, Alex Moreira; RIBEIRO, Adriana de Fátima; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues. Manejo comportamental em classes de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Interamerican Journal of Psychology**, Chicago, v. 47, n. 3, p. 395-406, set./out. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/MbE9Hj>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. 2016a. Disponível em: <<http://goo.gl/L3dDQE>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. **Algumas estratégias Pedagógicas para alunos com TDAH**. 2016b. Disponível em: <<http://goo.gl/d2tCBS>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

BARKLEY, Russell A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: TDAH**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARKLEY, Russell A.; MURPHY, Kevin R. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: exercícios clínicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRITO, Cecília Mendes Espinho. **Avaliação das Técnicas Comportamentalistas pelos Docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico em Crianças com PHDA**. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10348/4628>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

CORREIA, Aparecida da Paixão; LINHARES, Tatiana Corrêa. A atuação do psicopedagogo com crianças com

transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): intervenção necessária para pais e educadores. **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, Universidade FUMEC, v. 11, n. 17, p. 141-161, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/owXkLd>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

COSTA, Camila Rodrigues; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho; SEABRA JUNIOR, Manoel Osmar. Teaching Strategies and Pedagogical Resources for Teaching Students with ADHD in Physical Education Classes. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 21, n. 1, p. 111-126, mar. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/ZJeiXL>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

CRUZ, Eduardo Chaves; BRITO, Cecilia Mendes Espinho. Quais são as técnicas comportamentalistas que os docentes consideram mais eficazes nas crianças com Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção?. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, v. 29, n. 54, p. 13-26, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/XtQner>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

CUNHA, Ana Cristina Teixeira. **Importância das atividades lúdicas na criança com Hiperatividade e Déficit de Atenção segundo a perspectiva dos professores**. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/2585>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

FRAGOSO, Analice Oliveira; MENEZES, Amanda; DIAS, Natália Martins; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Dificuldade de leitura em crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: relato de intervenção com o método fônico. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 14-27, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/pwhHB4>>. Acesso em: 20 set. 2016.

GOLDSTEIN, Sam. **Hiperatividade: Compreensão, Avaliação e Atuação: Uma Visão Geral sobre o TDAH**. 15 nov. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/7cBV6v>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

GOLDSTEIN, Sam; GOLDSTEIN, Michael. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. São Paulo: Papirus, 2002.

IAMAGUTI, Simone Silveira Peruzzi. TDAH: Integrando à Educação e à Saúde uma Visão Psicoeducativa. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, São Gotardo, v. 1, n. 4, p. 64-88, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/oY86gT>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na Educação**: criar, fazer, jogar. São Paulo: Cortez, 2011.

MAFRA, Regina Maria Ruiz. **Linha e rodinha**: exercícios para a expressão corporal, musical, psicomotricidade, recreação e “linha”. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MARAFÃO, Agostinho Jorge Assunção. **Procedimentos de Intervenção Comportamentalista em dois Adolescentes com Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)– Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10348/2768>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

MATTOS, Paulo. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. **Rev. Pediatr. Moder.**, São Paulo, Grupo Editorial Moreira Jr, v. 41, n. 2, p. 55-63, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/zFFAOc>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MUSZKAT, Mauro; MIRANDA, Monica, Carolina; RIZZUTTI, Sueli. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: Cortez, 2012.

NOLÊTA, Deuzeli Guimarães; NAVARRO, Elaine Cristina. A contribuição das diversas práticas de leitura para a criança com déficit de atenção. **Revista Eletrônica Interdisciplinar da Univar**, Barra do Garças, Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, v. 2, n. 10, p. 110-116, ago. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/iV8Tqy>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2016. Disponível em: <<http://www.who.int/about/mission/en>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

PAGE, Timothy; PELHAM III, William E.; FABIANO, Gregory A.; GREINER, Andrew R.; GNAGY, Elizabeth M.; HART, Katie C. Hart. Comparative cost analysis of sequential, adaptive, behavioral, pharmacological, and combined treatments for childhood ADHD. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**–Philadelphia, Society of Clinical Child & Adolescent Psychology, v. 45, n.4, p. 416-427, fev. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/fJ6ek7>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

PEIFFNER, Linda J. Rumo à escola com o pé direito: administrando a educação de seu filho. In: BARKLEY, Russell A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: TDAH**. São Paulo: Artmed, 2002. p. 235-248.

PIMENTA, Mônica Aoki Furtado. **Arte e Aprendizagem**. 2014. 43 f. Monografia (Especialização em Arte em Educação e Saúde) – Faculdade Integrada Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/OMUHJW>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

ROHDE, Luís Augusto P.; BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de déficit de atenção hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Leticia de Faria; VASCONCELOS, Laércia Abreu. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em crianças: uma revisão interdisciplinar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Universidade de Brasília, v. 26, n. 4, p. 717-724, out./dez. 2011. Disponível em: <<https://revistaptpt.unb.br/index.php/ptp/article/viewFile/610/114>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

SAUVÉ, Colette. **Aprendendo a Dominar a Hiperatividade e o Déficit de Atenção**. São Paulo: Paulus, 2014.

SHAFFER, David R. **Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

STROH, Juliana Bielawski. TDAH – diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, v. 18, n. 17, p. 83-105, dez. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/Yqxkjt>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

TINTORI, Fabiana; BAST, Diana Ferroni; PITTA, Márcia da Rocha. Jogo na terapia comportamental em grupo de crianças com TDAH. **Acta Comportamentalia**, Guadalajara, Universidad de Guadalajara, v. 19, n. 2, p. 225-239, jun. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/ZkPXZ9>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

VIANA, Noemí Pacheco. O lúdico em benefício da aprendizagem de crianças com transtorno de déficit de atenção (TDAH). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO: UNIVERSIDADE E PARTICIPAÇÃO, 3., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Faculdade de Educação; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/1Hgm6W>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

Recebido em: 18/11/2016
Aprovado em: 24/11/2016